

O BULLYING COMO FENÔMENO PSICOSSOCIAL NA ESCOLA

Bullying as a Psychosocial Phenomenon at School

Kleber Saldanha de Siqueira ¹



<https://orcid.org/0000-0003-2067-243X>

RESUMO

A escola como ambiente coletivo, desempenha importante função no desenvolvimento social do sujeito, viabilizando as relações entre pares que constituem a base do amadurecimento psicossocial, das relações interpessoais e a própria projeção extra-escolar do sujeito. Considerando este intrincado ecossistema onde as relações entre pares possuem motivações e objetivos, diversos são os casos em que grupos de sujeitos, buscando afirmação no espaço escolar através da força e violência psicológica sistematizada, causam danos e prejuízos para determinados sujeitos estereotipados como pacíficos ou ‘deslocados’ da maioria. Nesse sentido, tal violência sistêmica, denominada *bullying*, vem ganhando nos últimos anos notoriedade a partir dos recentes casos de ataques a escolas, protagonizados por indivíduos vitimados por este tipo de problema. Assim, este artigo, configurado num estudo bibliográfico narrativo-qualitativo, tem por objetivo discutir crítico-reflexivamente a problemática do *bullying* como fenômeno psicossocial na escola, destacando suas origens e relações com a escola. Para isso, foram reunidos trabalhos publicados entre 2013 e 2023, presentes nos repositórios de acesso livre *Scielo* e *Oasisbr*, sendo usados descritores de busca, critérios de inclusão e exclusão para refinamento do esteio bibliográfico utilizado. A partir das reflexões e discussões apresentadas ao longo do texto, verificamos que muito ainda deve ser feito para compreender o *bullying* como fenômeno complexo de interação entre pares na escola, possuindo este, origens múltiplas, produzindo impactos severos para as vítimas, levando a desafiadoras formas de mapeamento e intervenção por gestores e psicólogos educacionais.

Palavras-chave: Violência na escola. Psicologia educacional. Educação conscientizadora. Tolerância.

¹ Universidade Federal de Alagoas – UFAL. E-mail: kleber.ciqueira@cedu.ufal.br

ABSTRACT

The school, as a collective environment, plays an important role in the social development of the subject, enabling relationships between peers that constitute the basis of psychosocial maturation, interpersonal relationships and the subject's own extra-school projection. Considering this intricate ecosystem where relationships between peers have motivations and objectives, there are several cases in which groups of subjects, seeking affirmation in the school space through force and systematized psychological violence, cause harm and harm to certain subjects stereotyped as peaceful or 'displaced' of the majority. In this sense, such systemic violence, called bullying, has gained notoriety in recent years following recent cases of attacks on schools, carried out by individuals victimized by this type of problem. Thus, this article, configured as a narrative-qualitative bibliographic study, aims to critically and reflexively discuss the issue of bullying as a psychosocial phenomenon at school, highlighting its origins and relationships with school. To this end, works published between 2013 and 2023 were gathered, present in the open access repositories Scielo and Oasisbr, using search descriptors, inclusion and exclusion criteria to refine the bibliographic base used. Based on the reflections and discussions presented throughout the text, we see that much still needs to be done to understand bullying as a complex phenomenon of interaction between peers at school, with multiple origins, producing severe impacts on victims, leading to challenging forms. of mapping and intervention by educational managers and psychologists.

Key-words: Violence at school. Educational psychology. Awareness education. Tolerance.

138

Introdução

O espaço escolar, formado por sujeitos em contínua formação intelectual e humana, requer adequado gerenciamento pedagógico e psicossocial para o bem estar coletivo e desenvolvimento mútuo (Croti; Ikeshoji; Ruiz, 2014). Seguindo esta premissa, detectar fenômenos da relação entre pares na escola com viés violento constitui importante prerrogativa de gestores e psicólogos educacionais, uma vez que tais relações interferem de forma permanente no desenvolvimento socioemocional do sujeito em formação (Ferreira; Mendonça, 2023). Dentro desta perspectiva, o *bullying* representa importante fenômeno de discussão na atualidade, preocupando profissionais da educação, muitas vezes incapazes de identificar de forma adequada e trazer soluções para o problema, dado o caráter complexo e multivariado das manifestações do *bullying* na escola (Carloni; Silva; Silva, 2021).

Dessa forma, diante da proliferação dos recentes ataques a escolas e conseqüente banalização da violência sistêmica, a escola como instituição voltada para a valorização humana e preservação do conhecimento, tem por missão, através dos resultados da pesquisa educacional

Revista **GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, vol.24, n. 11, p.137-158, jan/dez 2024.

contemporânea, agregar esforços para o mapeamento e combate do *bullying* em seu espaço, traçando estratégias coordenadas de intervenção e supressão deste tipo de violência, grave, que vêm instalando-se de forma progressiva em nossa sociedade. Sendo assim, este artigo tem por objetivo refletir de forma crítica, embasado em trabalhos publicados entre 2013 e 2023, extraídos dos portais de acesso livre *Scielo*² e *Oasisbr*³, acerca do *bullying* como fenômeno psicossocial em expansão, destacando sua fenomenologia, ocorrências, propostas de mapeamento e intervenção, permitindo organizar estratégias válidas para seu combate.

Este artigo está dividido em sete seções, iniciando com a gênese e objetivos da pesquisa, na introdução, seguido da seção dois onde são apresentados os elementos da metodologia empregada, com destaque para a abordagem bibliográfica narrativa-qualitativa; sua caracterização e apresentação dos mecanismos de busca e seleção do referencial bibliográfico. Na seção três, o *bullying* é apresentado como fenômeno, sendo caracterizado de forma teórica, paralelamente à discussão de casos icônicos de ataques a escolas, explicando como o *bullying* baliza atos de extrema violência praticada entre pares. Nesta seção também apresentamos o conceito de *cyberbullying*, juntamente com pontos importantes da legislação atual voltada ao combate deste tipo de violência.

139

Na seção quatro são discutidas algumas estratégias para identificação e mapeamento do *bullying* na escola a partir das prerrogativas funcionais de gestores e profissionais de suporte pedagógico. Em seguida, na seção cinco, apresentamos algumas formas de combate ao *bullying* dentro do escopo pedagógico, permitindo subsidiar práticas para a sala de aula. Congregando as reflexões e discussões produzidas nas seções anteriores, a seção seis analisa o papel atual da escola na proteção do sujeito em seu espaço de convivência, enfatizando sua importância para a difusão do ensino conscientizador em nossa sociedade. A seção sete apresenta as principais conclusões advindas das reflexões produzidas neste trabalho, apontando novas discussões e conjunturas de pesquisa centralizadas no estudo do *bullying*.

Percurso metodológico

² Disponível em: <https://www.scielo.br/>

³ Disponível em: <https://oasisbr.ibict.br/vufind/>

A ciência busca por técnicas válidas para a consolidação do conhecimento (Meghioratti; Batista, 2018). Esta busca objetiva a caracterização de fenômenos e posterior teorização, levando à explicação geral ou específica de dado fato em estudo (Castro, 2006). Seguindo este princípio, neste artigo, escolhemos a abordagem bibliográfica qualitativa-narrativa como técnica de análise e reflexão sobre os impactos do *bullying* no espaço escolar. De forma geral, esta abordagem permite maior rapidez na reunião de dados e informações sobre o tema investigado, reduzindo o tempo, aumento o grau de confiabilidade científica (uma vez que as reflexões apresentadas baseiam-se em estudos consolidados), tornando possível ao pesquisador inferir de forma crítica sobre o fenômeno em tela.

É importante observar que nesta abordagem o pesquisador deve adotar critérios específicos para busca, seleção e refinamento do referencial bibliográfico adotado para análise. Neste trabalho, são considerados trabalhos publicados entre 2013 e 2023, além de escolhidos os portais acadêmicos de acesso livre *Scielo* e *Oasisbr*, dada a amplitude e importância do primeiro, reunindo importantes periódicos científicos brasileiros ao mesmo tempo a relevância do segundo por concentrar os principais repositórios acadêmicos das Universidades Públicas e Institutos Federais, reunindo monografias, dissertações, teses e artigos publicados em diversos periódicos nacionais. Para esta busca, foram estabelecidos os seguintes descritores, aplicados a ambos os portais anteriormente mencionados: (1) ‘bullying na escola’, (2) ‘combate ao bullying na escola’, (3) ‘percepções pedagógicas sobre o bullying’, (4) ‘gestão escolar e bullying’, (5) ‘psicologia e bullying’, (6) ‘causas do bullying’, (7) ‘combate ao bullying’, (8) ‘origens do bullying’, (9) ‘bullying e ataque a escolas’, (10) ‘tipos de bullying’.

Também foram considerados critérios de inclusão e exclusão para o refinamento dos trabalhos inicialmente encontrados. Para os critérios de inclusão, foram delimitados os seguintes parâmetros: (1) trabalhos em língua portuguesa, (2) trabalhos com pelo menos 8 páginas, (3) ‘trabalhos com referência direta ao tema *bullying* na escola, (4) trabalhos com pelo menos 50% do seu referencial teórico composto por artigos, (5) artigos com Qualis-Capes A1-B3, (6) trabalhos replicáveis. Para os critérios de exclusão, foram incorporados os seguintes parâmetros: (1) gray literature, (2) preprints, (3) pesquisas inconclusivas, (4) trabalhos duplicados, (5) trabalhos publicados em periódicos não avaliados, (6) trabalhos com metodologia inconsistente.

Após aplicação dos descritores de busca, foram encontrados 760 trabalhos, destes 75 extraídos do portal *Scielo* e 685 do portal *Oasisbr*. A partir deste quantitativo, foram empregados os critérios de inclusão e exclusão, resultando em 168 trabalhos, dos quais, após análise preliminar e leitura integral, foram reunidos 26 trabalhos compondo a base bibliográfica deste artigo.

Aspectos fundamentais sobre o *bullying*

A violência, sob o prisma generalista, possui caráter complexo envolvendo os interesses de cada grupo, suas especificidades, fragilidades, caráter e valores. Segundo Freud⁴ (1986) *apud* Crochik (2012) o homem busca eliminar toda forma de tensão presente nele e fora dele, utilizando como canal, muitas vezes a agressividade como pulsão de morte diante do sentimento de fragilidade internalizada pelo indivíduo, pela força incomensurável da natureza e seus agentes, como também pelas relações sociais, estas representando importante fator viabilizante do *bullying* nas escolas.

Assim, considerando que as relações entre pares demandam constante tensão, uma vez que nem sempre os desejos ou anseios de um indivíduo correspondem à satisfação do outro, uma vez que numa sociedade organizada os indivíduos possuem experiências e trajetórias de vida diferentes, sempre existirá traços de agressividade entre estes indivíduos congêneres ou não. O *bullying* pode subdividir-se, de acordo com o tipo, apresentação e características, como destacado no Quadro 1.

141

Quadro 1 - Tipos frequentes de *bullying* e suas características.

Tipo de <i>bullying</i>	Como se apresenta?	Violência característica
Físico	Imposição da violência mediante a força física.	Socos Tapas Chutes Enforcamento Imobilização Puxões de cabelo
Moral	Verbalização ou exposição de questões morais sociais ou particulares.	Calúnia e difamação Insinuações Exposição a conteúdos inadequados ou indesejados

⁴ Reimpressão da obra, *O mal-estar na cultura*, originalmente publicada em 1930.

Psicológico	Ações que visam intervir ou controlar o modo de ser e estar das vítimas.	Intimidações Ameaças Chantagens
Material	Desrespeito contra o patrimônio das vítimas com o objetivo de diminuí-las ou humilhá-las.	Destruição, roubo ou furto de patrimônio
Verbal	Verbalização de expressões de baixo calão (até mesmo escritas em alguns casos).	Xingamentos Apelidos Pichações
Social	Agressão através da alienação total ou parcial do convívio social.	Exclusão ou impedimento à participação em eventos sociais ou grupos
Sexual	Agressão de cunho sexual ou que envolvam a sexualidade, direta ou indiretamente.	Exposição da ou à nudez Toques Insinuações Assédios Imposição de comportamentos
Preconceituoso	Agressões que remetem a gênero, crença, raça, cor, etnia, classe social, sexualidade, nacionalidade, região geográfica, etc.	Xingamentos Apelidos Intolerância
Familiar	As agressões tendem a ser rotineiras a outros tipos de <i>bullying</i> , mas vítimas e agressores fazem parte do mesmo seio familiar.	Desaprovação Constrangimentos Inadequação Comparações

Fonte: Menezes (2022).

Diante deste problema, muitos são os casos de violência resultantes da omissão das escolas na detecção e eliminação do *bullying* em seu ambiente, o que vem gerando, nos últimos anos, uma onda de violência causada em sua maioria por vítimas dessa agressão, que, não encontrando solução para seu sofrimento, recorrem aos ataques em massa como forma de vingança e extravasamento de seu sofrimento psíquico. Um destes icônicos ataques, o massacre de *Columbine*, ocorrido em 20 de abril de 1999, na *Columbine High School*, cidade de Littleton, nos Estados Unidos, estado do Colorado, planejado e executado por Eric Harris e Dylan Klebold, 17 e 18 anos, estudantes da

Revista **GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, vol.24, n. 11, p.137-158, jan/dez 2024.

escola, usuários constantes de jogos virtuais violentos e vítimas frequente de *bullying*. Identificados pelo estereótipo de ‘nerds’, socialmente excluídos pelos colegas, cometeram suicídio durante os instantes finais do ataque, após, sem sucesso, trocarem tiros com a polícia local e uma equipe da *Swat*.

Neste ataque, que resultou na morte de 13 pessoas, incluindo 12 estudantes, 1 professor e 21 feridos, o *bullying* ganhou projeção internacional, voltando a ser centro de debates e discussões nas escolas, revelando a gravidade e pouca compreensão acerca do fenômeno. No Brasil, um dos casos mais conhecidos, com proporção semelhante àquele ocorrido em *Columbine*, ocorreu no Rio de Janeiro, na Escola Municipal Tasso da Silveira, bairro Realengo, zona metropolitana da capital carioca. Wellington Menezes de Oliveira, 23 anos, ex-aluno da escola, invadiu o local munido com dois revólveres, abrindo fogo contra os estudantes, todos com idades entre 13 e 15 anos, matando 12 e ferindo 22 vítimas. Nos minutos finais do ataque, Wellington cometeu suicídio ao perceber a chegada da polícia.

Após o ato de violência, descobriu-se que Wellington era vítima de *bullying*, quando estudante da mesma escola na qual praticou o ataque, apresentando comportamento psicótico, devido, provavelmente, aos traumas decorrentes da violência sistêmica sofrida, ao mesmo tempo consumindo material impresso e digital de cunho extremista. Do ponto de vista fenomenológico ambos os casos apresentam semelhanças onde ficam evidentes: (1) a prática do *bullying*; (2) o sofrimento das vítimas; (3) a sistematização do ódio por parte da vítima; (4) o reforço do sentimento de vingança através do consumo de materiais extremistas/violentos; (5) o desejo de mudança (traduzido pelo ato de violência). Segundo Guimarães e Queiroz (2022), pontos importantes no espectro de caracterização do *bullying* e suas implicações violentas. Nesse sentido, para Villela (2015, p. 15), “não raramente, vemos, na mídia, que as vítimas, depois de muito sofrerem, podem fazer uso de armas como instrumento de superação”.

A partir de casos como estes, a Psicologia Educacional voltou, de forma contundente, sua atenção para a violência escolar, delimitando o fenômeno de forma especializada, com vistas a munir os profissionais das escolas com ferramentas adequadas para o enfrentamento do problema, outrora negligenciado e interpretado de forma superficial. No entanto, apesar das contribuições advindas da pesquisa e experiências de intervenção nas escolas, o *bullying* ainda é um problema fortemente presente, com raízes na própria cultura escolar, reforçado por eventos violentos

disseminados na mídia, pelo preconceito (em toda sua extensão), pelas tensões de classe social, problemas psicossociais enfrentados por estudantes, dentre outros fatores intervenientes que tornam ainda mais complexo o problema a ser enfrentado.

Assim, para o combate efetivo ao *bullying* é necessária a criação de políticas de intervenção fundamentadas em pesquisas acadêmicas, experiências, relatos exitosos, práticas pedagógicas e a manutenção de um currículo escolar voltado para os Direitos Humanos. Este conjunto de elementos, organizados de forma coordenada, tende a condicionar a ideia de respeito mútuo e valorização do indivíduo no seio escolar, reprimindo comportamentos em desacordo com o pensamento coletivo, baseado na harmonia. Tal estratégia de enfrentamento corrobora com Rolim (2011, p. 45), afirmando que:

Para que seja possível enfrentar e superar as práticas de *bullying* entre crianças e adolescentes é preciso que as escolas desenvolvam uma postura comprometida com valores, humanistas, o que deve se traduzir, entre outros aspectos, no respeito diante das diferenças e na capacidade de contrastar - com o próprio exemplo - posturas discriminatórias e preconceituosas vigentes na sociedade.

144

No campo jurídico, a Lei 13.185/15, conhecida como lei de combate ao *bullying*, representa importante marco de enfrentamento deste problema, caracterizando tal prática como crime, devendo ser conhecida e difundida nas escolas através de momentos de conscientização, por meio de projetos pedagógicos envolvendo os estudantes e durante formações específicas nas Secretarias de Educação e nas próprias escolas.

Nesse sentido o Art. 4º da Lei estabelece, em seu inciso II, que é dever dos estabelecimentos de ensino “capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema”, ao mesmo tempo que o inciso IV determina a “instituição de práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores”, como também a “promoção de medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática (*bullying*), ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por alunos, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar”, em seu inciso IX (Brasil, 2015, p. 2).

Dentre os nove incisos do Art. 4º da lei antibullying destacamos aqueles com maior impacto na comunidade escolar, envolvendo os principais atores do processo de ensino e aprendizagem, pontuando que também é papel dos pais e responsáveis a detecção de condutas violentas e a identificação do *bullying*, reportando à escola tanto as vítimas quanto os agressores. Este trabalho conjunto permite o monitoramento constante das relações entre pares na escola, tornando possível interpretar e reverter diferentes quadros de violência, fortalecendo a cultura do respeito mútuo na comunidade interna e externa à escola. No entanto, mesmo com a criminalização desta prática e progressiva intervenção da comunidade escolar, diante do avanço tecnológico e da consequente popularização dos meios digitais, o *bullying* tem aumentado seu alcance, ‘aperfeiçoando’ as formas de atingir suas vítimas, surgindo uma recente modalidade de *bullying*, conhecida como *cyberbullying*, a qual tem sido praticada de forma massiva por jovens que buscam afetar, de forma direta e cruel, suas vítimas por meio das redes sociais.

Esta prática consiste principalmente em difamar a vítima, trazendo informações falsas ou deturpadas, fotos ou conteúdo íntimo com o objetivo de fragilizar a imagem da vítima perante seus pares. Esta prática, tem sido vista por muitos especialistas como uma forma de reforço ao *bullying* convencional, praticado diretamente no ambiente escolar, estando a vítima à mercê de seus abusadores tanto no ambiente físico quanto no virtual, tornando seu sofrimento ininterrupto. Para Belsey (2004) *apud* Schreiber e Antunes (2015, p. 111) o *cyberbullying* pode ser conceituado como:

[...] o uso de informações e de tecnologias de comunicação - como *e-mail*, celular, aparelhos e programas de envio de mensagens instantâneas e *sites* pessoais - com o objetivo de difamar ou apoiar de forma deliberada comportamentos, seja de indivíduo ou grupo, que firam de alguma forma outros tantos.

O *cyberbullying*, possui características próprias que o definem como fenômeno psicossocial. Assim, para a identificação do problema, devemos distinguir que a vítima (1) não consegue distanciar-se da violência, uma vez que os dispositivos móveis e a internet estão presentes no cotidiano, tanto da vítima quanto do agressor, (2) não há distinção de gênero, sendo esta forma de violência praticada por jovens de ambos os sexos, diferindo do *bullying* tradicional, na maioria das vezes praticado por jovens do sexo masculino, (3) sofre com a repetição de mensagens, distribuição ininterrupta de informações de vies difamatório ou constrangedor e (4) sofre com uma única

informação, distribuída por meio digital, capaz de impactar sua vida por muito tempo (Schreiber; Antunes, 2015).

Esta forma de violência cibernética constitui hoje objeto de investigação, ao mesmo tempo desafiando o poder público no aperfeiçoamento do combate a esta prática, na qual os agressores, muitas vezes, buscam escamotear suas práticas encobrendo suas identidades por meio de perfis falsos em redes sociais ou através de informação inverídicas. No campo jurídico, não existe no Brasil leis específicas para reprimir o *cyberbullying*, restringindo o tema a alguns projetos de lei, como o Projeto de Lei 6.521/19⁵ que visa tipificar o crime de *cyberbullying*, como também o Projeto de Lei 3.402/21⁶ que busca acrescentar o crime ao Código Penal, Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940, o crime de *cyberbullying* e o Projeto de Lei 3.686/15⁷ que busca enquadrar o *cyberbullying* como agravante do próprio *bullying*, caso este seja praticado por meio digital.

Estratégias de identificação e mapeamento do *bullying*

146

O *bullying* se distingue das demais formas de violência na escola pelo seu caráter sistemático, na maioria das vezes praticado por sujeitos do sexo masculino, com conotação ostentatória, ou seja, aquele que pratica o *bullying* aumeja a exposição pública da vítima. Esta exposição projeta os praticantes ou o grupo a eles vinculados, afirmando-os como transgressores ‘dignos de respeito’ e obediência (Ramos, 2019). Em outras palavras, os praticantes do *bullying* buscam afirmação, por meio da força, utilizando para isso a perseguição sistematizada, escolhendo sujeitos ‘vulneráveis’, pacíficos ou estereotipados como vítimas (Zequinão, *et al.* 2016). A identificação deste tipo de violência ocorre a priori, por meio da observação do professor na sala de aula, que deve estar apercebido, principalmente de situações nas quais algumas brincadeiras perdem conotação momentânea (diluindo-se ao longo da aula) passando para abusos contínuos e sistematizados. Nesse sentido, Silva e Borges (2018, 34) destacam que:

A escola deve sempre observar o modo de agir de cada aluno, tratar cada um como ser único e especial, deve também conhecer suas características individuais, ter profissionais capacitados a ensinar a lidar com as diferenças e desse modo nunca

⁵ Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1856774

⁶ Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=2105236

⁷ Disponível em: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2055840>

expor um aluno a situação de constrangimento e é preciso que a escola promova projetos onde busque a integração social entre alunos e professores.

Esta primeira observação na sala de aula, além de importante para a detecção do problema, permite identificar os atores envolvidos, o tipo de *bullying* praticado e a profundidade do problema, seu tempo de ocorrência e a gravidade envolvida. Este monitoramento realizado pelo professor deve ser sutil para que os envolvidos no ato de violência ganhem determinado ‘espaço’ e certa ‘liberdade’, tornando notória a prática do *bullying* juntamente com sua intencionalidade. Sendo identificada a prática, o professor deve informar à equipe gestora, coordenadores ou psicólogos da escola, reforçando com evidências aquilo que ocorre durante as aulas. No entanto, muitas vezes, a sala de aula não é o ambiente usado pelos *bullies* para a prática violenta, mas o ambiente externo, pátio, corredores, quadras poliesportivas, salões ou as mediações externas da escola servem de espaço para a prática pública da violência.

Considerando o ambiente externo, seu monitoramento pode ser realizado por meio de sistema de vídeo, coletando imagens capazes de identificar a prática violenta, ao mesmo tempo servindo de elemento probatório para responsabilizar os agressores. Sendo indisponível tal recurso, faz-se necessário que funcionários de apoio transitem nos corredores e diversos espaços internos e externos à escola observando e distinguindo brincadeiras momentâneas da prática sistematizada da violência. Este trabalho de observação *in loco* demanda cuidados específicos, uma vez que o sujeito tem assegurado seu direito à individualidade e bem estar coletivo, não sendo autorizadas incursões ou intervenções para vilipendiar o sujeito no ambiente escolar, mas apenas o acompanhamento das relações entre pares em situações fora da sala de aula respeitando o papel social do sujeito (Baia; Machado, 2019). Sendo observadas práticas que sinalizam o *bullying*, estas devem ser imediatamente reprimidas sendo a gestão escolar notificada acerca dos atos de violência, tomadas as providências necessárias no limite disciplinar e legal.

No entanto, como discutido na seção anterior, há situações em que o *bullying* ocorre de forma velada, sem pronunciamento público evidente, sendo a vítima sistematicamente oprimida por meio de mecanismos que ocultam seus agressores. Este tipo de violência geralmente ocorre através das mídias sociais, materializando-se pelo *cyberbullying*. Para este tipo de violência o monitoramento e identificação da prática torna-se mais difícil, uma vez que a escola não possui acesso direto às redes sociais dos estudantes, desconhecendo, na maioria das vezes, a dinâmica entre estes usuários. Nesse cenário, as tecnologias digitais de informação e comunicação vêm sendo

usadas de forma inapropriada pelos agressores, devendo a escola estar atenta. Diante deste quadro Ramos, Carvalho e Silva (2023, p. 2953) destacam que:

As tecnologias da informação e comunicação ampliam os vínculos sociais para além da escola, tanto no quesito tempo, quanto no quesito localização, sendo importante que a escola trabalhe a prevenção do cyberbullying e bullying, com vias a promoção de ações preventivas, como formações continuadas, oficinas de aprendizagem e ações reflexivas, colaborando assim para formação integral do estudantes.

Diante disso, o professor deve estar atento a alguns sinais da vítima na sala de aula como (1) comportamento agressivo, (2) indícios de depressão, (3) falta de concentração na aula, (4) baixo rendimento escolar repentino, (5) inassiduidade repentina, (6) comportamento defensivo, (7) instabilidade emocional, (8) exclusão, (9) violência sem motivo aparente, (10) desinteresse nas relações sociais.

Apresentamos apenas alguns pontos que podem levar à identificação do *cyberbullying* na sala de aula, sendo possíveis outras manifestações diferentes daquelas elencadas no parágrafo anterior, representando complexo cenário para o professor (Alckmin-Carvalho *et al*, 2014). Assim, a família constitui o principal elemento de observação e intervenção neste contexto, estando mais próxima do sujeito, de sua interação com o mundo digital, cabendo a esta identificar comportamentos singulares que possam demonstrar o sofrimento da vítima diante de supostas agressões sofridas (Oliveira-Menegotto; Machado, 2018). Sendo identificada a violência, é importante, tanto para a escola quanto para a família identificar o meio pelo qual as agressões são praticadas, coletando elementos probatórios e identificando os abusadores para posterior denúncia e amparo à vítima. Identificar o *bullying* nas suas diferentes manifestações é papel da escola e da família que devam atuar de forma conjunta para o bem da vítima e supressão da violência (Silva; Borges, 2018).

Caso haja omissão por uma das partes, o prejuízo à vítima pode ser irreversível, ocasionando severos danos psicológicos ou, em alguns casos, a perpetuação da violência, onde a vítima, buscando solucionar seu problema, em ato de desespero, recorre à agressão física, utilizando armas de diferentes tipos contra seus agressores ou redirecionando esta violência para a escola de forma generalizada, planejando e executando ataques em massa, como os ocorridos nos últimos anos nas escolas brasileiras. É importante destacar que o *bullying* constitui crime sendo sua prática

injustificável no contexto coletivo escolar, cabendo à instituição punir exemplarmente seus praticantes, prestando apoio às vítimas e colaborando com o poder público na investigação de atos de violência sistêmica.

Como combater o *bullying*?

Para combater o *bullying* é importante compreender suas raízes, propósitos e efeitos, não sendo tarefa fácil estabelecer ações interventivas padronizadas, uma vez que este problema possui nuance complexa, exigindo mapeamento específico para cada situação analisada. Sendo assim, constitui tarefa coordenada (1) observar, (2) interpretar, (3) comunicar e (4) intervir estrategicamente para seu combate quando este encontra-se instalado no ambiente escolar. Nesse sentido, cada escola apresenta, distintamente, traços deste problema, sendo sua interpretação combate tarefa específica para cada espaço escolar, segundo suas nuances. Diante disso, Freire e Aires (2012, p. 57) afirmam que:

Para prevenir e enfrentar o *bullying* ou qualquer outro tipo de violência que ocorra no contexto escolar, não se deve partir de receitas prontas e fechadas, pois cada escola possui uma realidade específica, onde são construídas relações diferenciadas entre os seus membros.

Esta conjuntura admite um cenário no qual os *'atores'* envolvidos (agressor e vítima) já experimentaram as diferentes faces do problema, devendo ser imediata a intervenção da escola, pais ou responsáveis na solução do problema. Esta é a configuração mais frequente observada na escola exigindo medidas contundentes para seu combate através da ação direta e uso de medidas legais. No entanto, para que não haja a consumação do *bullying*, faz-se preponderante ações conscientizadoras no espaço escolar, através de palestras, encontros, projetos e atividades que aproximem toda a comunidade escolar.

Educar é tarefa da escola e da família, partindo destas duas instituições a iniciativa de apresentar o problema do *bullying* como ato criminoso, instruindo o sujeito para a formação ética e social, valorizando o coletivo e sua diversidade. Em muitos casos, observa-se que o *bullying* origina-se de conjunturas familiares específicas, nas quais, na maioria das vezes, a violência apresenta-se de formas variadas e intensidades diferentes, impactando o sujeito (agressor), causando

transtornos em sua personalidade, banalizando a violência, fazendo com este sujeito absorva a equivocada crença de superioridade e dominação para com seus pares. Este cenário demonstra como a família e a relação entre seus entes podem acarretar complexos problemas psicológicos no sujeito, resultando em danos para a sociedade e para suas instituições, dentre elas a escola.

A maior arma contra o *bullying* é a educação familiar, muitas vezes inexistente devido à desestruturação de suas bases, valores e organização ética e moral, deturpando o comportamento coletivo, levando o sujeito a crer que pode projetar-se superior aos outros. No tocante à ética e moral, Ricci e Cruz (2021, p. 3) destacam que:

[...] o desenvolvimento das competências socioemocionais pela escola, a construção de valores morais, a formação ética do sujeito podem ser as ferramentas que faltam para que o bullying seja erradicado do ambiente escolar, não simplesmente pela proibição ou punição dos envolvidos, mas por meio do desenvolvimento da empatia, do respeito pelo outro, da ética, criando desta forma um clima escolar menos propenso a qualquer tipo de violência.

150

Quando não remediada, tal postura social leva o sujeito a diferentes conflitos, em suas várias etapas do desenvolvimento escolar, reverberando na vida adulta, na qual a sociedade, diferentemente da escola adota postura punitiva de forma explícita ou implícita, estando o sujeito e seus desejos pessoais limitados pela percepção coletiva. Dessa forma, o sujeito, que antes acreditava na sua superioridade perante seus pares, agredindo, sujeitando e impondo ao coletivo sua 'marca' como referencial de respeito, encontra na sociedade forte resistência, obrigando-o a aceitar, de forma dolorosa, que seu lugar como sujeito coletivo exige respeito e boas práticas de convivência, sendo penalizado com a exclusão do sistema social, caso insista com sua postura errônea.

Para evitar tal situação, quando a família não detém estrutura ética e moral apropriada para orientar o sujeito, a escola deve criar estratégias, dentro de seu repertório curricular/pedagógico, estimulando reflexão ética e exercício moral, pois só através delas é possível criar um ambiente de alteridade na escola (Rocha; Costa; Neto, 2013). Para isso, considerando as diferentes disciplinas do currículo escolar, principalmente aquelas voltadas para as humanidades, a implementação de ações de ensino estratégicas capazes de localizar o tema *bullying* de forma instigadora e reflexiva, constitui importante iniciativa didática, fortalecendo a transversalidade e a interdisciplinaridade (Faraj, *et al.* 2021). Além disso, diferentes abordagens utilizando tecnologias digitais de informação

e comunicação, são capazes de trazer a realidade do problema até a sala de aula, sendo possível construir *blogs* conscientizadores, criar vídeos, *podcasts*, analisar matérias jornalísticas publicadas em *sites* com fatos relacionados ao *bullying*, utilizar redes sociais para divulgar o problema de forma estratégica, dentre outras possibilidades originadas da criatividade docente.

A melhor forma de combater o *bullying* é através da conscientização na sala de aula, instruindo o sujeito acerca do problema de forma dialógica, reforçando seu papel na construção de um ambiente de respeito e harmonia ao mesmo tempo correlacionando os conteúdos das disciplinas ao problema, formalizando seu estudo fenomenológico. Reforçando esta perspectiva é importante que as atividades realizadas na sala de aula resgatem experiências e vivências dos sujeitos (com cautela e discrição evitando exposição desnecessária), permitindo analisar casos específicos em que o sujeito vítima das agressões pode identificar a forma como estas eram realizadas, as motivações dos agressores, as medidas tomadas para suprimir a prática, dentre outras informações relevantes.

A escola como locus de proteção e desenvolvimento humano

151

Em linhas gerais, a escola detém extensa responsabilidade na promoção do sentimento coletivo para a manutenção da equidade social (Ribeiro; Kasmirski; Ayed, 2023). Nesta difícil tarefa, considerando os inúmeros desafios que fazem frente à escola como instituição humana, o desenvolvimento de práticas pedagógicas conscientizadoras, além de reafirmar a missão educativa da escola, revela sua importância para a renovação do currículo escolar, construindo no indivíduo a percepção de ‘lugar no mundo’, ao mesmo tempo formando-o para o exercício social crítico (Agostini, 2018). Assim, a escola moderna deve estar preparada para a formação social, indo além da manutenção dos conteúdos, avaliações e retrospectos de aprendizagem, buscando paralelamente o desenvolvimento humanístico, pautado no respeito às diferenças, marca fundamental da sociedade.

Esta missão requer da escola *expertise*, sendo fundamental para gestores, equipe pedagógica e professores, formação voltada para a transversalidade e questões/problemas sociais da atualidade, devendo estar atenta para os movimentos desta sociedade em franca mudança. Diante desta realidade, Pykocz e Benites (2022, p. 1076) apontam a importância da transversalidade na implementação estratégica do currículo escolar, afirmando que:

Revista **GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, vol.24, n. 11, p.137-158, jan/dez 2024.

Discutir a integração curricular implica considerar diversos discursos provenientes de diferentes campos, como a Psicologia e a Pedagogia, e de diferentes segmentos da sociedade que disputam uma escola capaz de acolher e responder positivamente às suas demandas.

Numa sociedade onde valores éticos e morais, muitas vezes, não encontram espaço para conduzir o sujeito nas relações intersociais, a escola como mantenedora/formuladora de paradigmas consegue estimular o pensamento ético para o exercício da moralidade através do questionamento do mundo e seu trajeto evolutivo. Analisar o mundo e sua dinâmica social representa exercício teórico extenso e complexo, sendo necessárias estratégias didáticas dialógicas capazes de dirimir esta complexidade, tornando as discussões na sala de aula, atrativas e significativas para o sujeito (Rodrigues, 2020). Vale destacar que a escola não deve assumir o papel da família na formação ética e moral do sujeito, estando ambas as instituições, família e escola, separadas em seus papéis formativos, no entanto, o exercício social requer apropriação de valores pelo sujeito, contemplando o respeito mútuo, a dignidade da pessoa humana e a alteridade. Nesse sentido, diversos debates acerca do papel da escola como promotora do respeito humano estão em curso, ressignificando de forma permanente a filosofia educacional desta instituição, o papel gestor e a prática pedagógica, tornando ainda mais densas as discussões centradas na educação para a humanização do sujeito (Barbosa; Souza, 2015).

152

Diante disso, a escola vem ganhando nova conotação social, antes focalizada na instrução normativa dos conteúdos e tecnicismo, valorizando a discussão científica, os fenômenos linguísticos e aspectos da natureza para a formação de mão de obra. A dissolução desta organização pedagógica, vem efetivando-se nas últimas quatro décadas, a partir dos fenômenos sociais intrínsecos ao sujeito durante a vida escolar, outrora negligenciados de forma deliberada ou invisibilizados pelas demandas do sistema educacional.

Considerações Finais

Considerando os aspectos fenomenológicos do *bullying* e sua ocorrência como manifestação psicossocial na escola, concluímos que este problema pode ser enfrentado de forma conjunta e coordenada, reunindo escola, família e sociedade num esforço para identificar, mapear e suprimir

esta prática no espaço escolar. Ao mesmo tempo, consideramos importante o fortalecimento de práticas pedagógicas transversais capazes de abordar de forma eficiente o tema *bullying* na sala de aula, estimulando o diálogo entre pares para a conscientização mútua e valorização do pluralismo. Nesse sentido, a alteridade deve ser estimulada de forma estratégica por meio de projetos e atividades que reafirmem os estudos realizados na sala de aula para a comunidade escolar, estimulando o sentimento coletivo, a ideia de pertencimento, as origens identitárias, o multiculturalismo e o respeito.

Destacamos também a importância do diálogo com a família para a detecção do *bullying* paralelamente ao monitoramento escolar realizado pelo professor, verificando comportamentos que indiquem a dinâmica do problema, sendo possível caracterizar o tipo de agressão, seus praticantes e as vítimas, proporcionando formas adequadas de supressão ao ato. Neste cenário, a condução jurídica do problema deve ser feita, objetivando a punição rigorosa dos agressores, face os possíveis danos à vítima, muitas vezes trazendo sofrimento mental e problemas psicológicos irreversíveis. Também concluímos que o *bullying*, apesar de origina-se de diferentes formas, encontra sua gênese na fragilidade familiar, sendo os agressores, na maioria das vezes, vítimas da violência doméstica, direta ou indiretamente, conduzindo a comportamentos coletivos violentos.

Diante deste cenário, concluímos que a escola é capaz de incentivar o pensamento ético e o exercício moral, facilitando o aprendizado conscientizador para a supressão estratégica do *bullying* e outras formas de agressão no espaço escolar. Tal perspectiva corrobora com sua missão formativa, cujo objetivo é alicerçar o sujeito para a prática social, lúcida, protagonista e voltada para as regras da boa convivência. Ao mesmo tempo, reforçamos o papel da escola na manutenção do pensamento crítico-reflexivo do sujeito por meio do exercício ético, fortalecendo a prática da moral nos diversos espaços de convivência do sujeito. Este exercício é importante para fundamentar uma ‘*cultura do pensamento*’ no ambiente escolar, levando não só à reflexão da conduta individual e coletiva, como também à interpretação crítica do mundo.

Agradecimentos

Expresso profundo agradecimento à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL) pelo apoio e incentivo financeiro sem os quais esta pesquisa não seria possível.

Revista **GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, vol.24, n. 11, p.137-158, jan/dez 2024.

Referências

AGOSTINI, Nilo. Conscientização e Educação: ação e reflexão que transformam o mundo, **Revista Pro-Posições**, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 187-206, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/FnhYy5MG7QRL4z4YCc3FnNq/>. Acesso em: 25 jan. 2024.

ALCKMIN-CARVALHO, Felipe; IZBICKI, Sarah; FERNANDES, Luan Flávia Barufi; MELO, Márcia Helena da Silva. Estratégias e instrumentos para a identificação de bullying em estudos nacionais, **Revista Avaliação Psicológica**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 343-350, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712014000300006. Acesso em: 24 jan. 2024.

BAIA, Samira Fakhouri, MACHADO, Lucília Regina de Souza. Relações interpessoais na escola e o desenvolvimento local, **Revista Interações**, Campo Grande, v. 22, n. 1, p. 177-193, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/grXFbSRWQt5Zt64YDwLXjVh/>. Acesso em: 24 jan. 2024.

BARBOSA, Eveline Tonelotto; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan. Sentidos do Respeito para Alunos: uma Análise na Perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 255-270, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/hGpspV3K7Qhq6SLK94Tbr8z/>. Acesso em: 25 jan. 2024.

BRASIL. Lei 13.185, de 06 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Brasília, DF: **Diário Oficial da União**, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113185.htm. Acesso: 21 jun. 2023.

CROCHIK, J. L. Fatores Psicológicos e Sociais Associados ao Bullying, **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 211-229, 2012. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2012000200003#:~:text=Fante%20\(2005%3A61\)%20diz,os%20filhos%2C%20por%20meio%20de](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2012000200003#:~:text=Fante%20(2005%3A61)%20diz,os%20filhos%2C%20por%20meio%20de). Acesso em: 21 jun. 2023.

CARLONI, Paola Regina.; SILVA, Tainá Dal Bosco.; SILVA, Matheus Rodriguês. Os professores e o combate à violência na escola: bullying e responsabilidade, **Revista Olhares**, Guarulhos, v. 9, n. 1, p. 191-212, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/download/11443/8501/48360>. Acesso em: 19 jan. 2024.

CASTRO, Cláudio de Moura. **A prática de pesquisa**, 2ª Ed. São Paulo: PEARSON, 2006.

CROTI, Adriana.; IKESHOJI, Elisângela Aparecida Bulla.; RUIZ, Adriano Rodrigues. Gestão escolar: reflexões e importância, **Revista Colloquium Humanarum**, vol. 11, n. Especial, 2014, p. 903-910, 2014. Disponível em:

Revista **GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, vol.24, n. 11, p.137-158, jan/dez 2024.

<https://www.unoeste.br/site/enepe/2014/suplementos/area/humanarum/educa%C3%A7%C3%A3o/gest%C3%83o%20escolar.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2024.

FARAJ, Suane Pastoriza; COSTABEBER; Luciana Santa Catharina; NASCIMENTO, Kelen Braga do; AGUIAR, Luiza Chanças de, **Revista Aletheia**, São Paulo, v. 54, n. 2, p. 165-172, 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942021000200017. Acesso em: 24 jan. 2024.

FERREIRA, Dennys Gomes.; MENDONÇA, João Guilherme Rodrigues. Bullying na escola: o trabalho da gestão escolar e do professor em face a esse fenômeno, **Revista Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 15, n. 44, p. 204–224, 2023. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/1850>. Acesso em: 19 jan. 2024.

FREIRE, Alane Novais; AIRES, Januária Silva. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying, **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 55-60, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/tvZ37DSGCbZNVQxnsq3DCs/>. Acesso em: 24 jan. 2024.

MENEZES, P. **Tipos de bullying**. Diferença, 2022. Disponível em: <https://www.diferenca.com/tipos-de-bullying/>. Acesso em: 26 jun. 2023.

MEGLHIORATTI, Fernanda Aparecida; BATISTA, Irinéa de Lourdes. Perspectivas da sociologia do conhecimento científico e o ensino das ciências: um estudo em revistas da área de ensino, **Revista Investigações em Ensino de Ciências**, v. 23, n. 1, p. 1–31, 2018. Disponível em: <https://ienci.if.ufrgs.br/index.php/ienci/article/view/726>. Acesso em: 20 jan. 2024.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, Lisiane Machado de; MACHADO, Isadora. Bullying escolar na perspectiva dos professores, **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 321-340, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812018000100018. Acesso em: 24 jan. 2024.

PYKOCZ, Danielle; BENITES, Larissa Cerignoni. Integração do currículo: contextualização e temas transversais, **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 16, n. 36, p. 1073-1089, 2022. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/download/1481/1150>. Acesso em: 25 jan. 2024.

RAMOS, Élison Davi Crispim; CARVALHO, Waldênia Leão de; SILVA, Emilly Daiane Crispim. Bullying e o cyberbullying no contexto escolar: reflexões sobre este tipo de violência, **Revista Contemporânea de Ética e Filosofia Política**, São Paulo, v. 3, n. 4, p. 2945-2962, 2023. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/622>. Acesso em: 24 jan. 2024.

RAMOS, Everton de Almeida. Bullying no ambiente escolar: como surge e como são as características de um agressor? **Revista Educação, Psicologia e Interfaces**, v. 3, n. 1, p. 7-17,

Revista **GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, vol.24, n. 11, p.137-158, jan/dez 2024.

2019. Disponível em: <https://educacaoepsicologia.emnuvens.com.br/edupsi/article/view/121>. Acesso em: 24 jan. 2024.

RIBEIRO, Vanda Mendes; KASMIRSKI, Paulo Reis; AYED, Choukri Ben. Equidade educacional e vulnerabilidade social nos territórios: os casos das redes municipais do Ceará e de Fortaleza, **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 49, n. 20, p. 1-30, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/GhhmJCGh8XcGprpQNysfs5K/>. Acesso em: 25 jan. 2024.

RICCI, Tania Facchin; CRUZ, José Anderson Santos. O desenvolvimento das competências socioemocionais em alunos da educação básica como ferramenta de combate ao bullying nas escolas, **Revista Nuances Estudos Sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 32, n. 00, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/9116>. Acesso em: 24 jan. 2024.

ROCHA, Moana Oliveira; COSTA; Carmen Lucia Neves do Amaral; NETO; Irazano de Figueiredo Passos, Bullying e o papel da sociedade, **Revista Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais**, Aracaju, v. 1, n.16, p. 191-199, 2013. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/download/534/259/2008>. Acesso em: 24 jan. 2024.

RODRIGUES, Lucilo Antonio. Estilos de aprendizagem e a sala de aula dialógica, **Revista Diálogo e Educação**, Curitiba, v. 20, n. 64, p. 75-92, 2020. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-416x2020000100005. Acesso em: 25 jan. 2024.

ROLIM, M. Violência na escola: anotações sobre bullying e invisibilidade, **Revista Pleiade**, Foz do Iguaçu, v. 10, n. 10, p. 31-48, 2011. Disponível em: <https://pleiade.uniamerica.br/index.php/pleiade/article/view/164>. Acesso em: 25 jun. 2023.

SCHREIBER; F. C. C.; ANTUNES, M. C. Cyberbullying: do virtual ao psicológico, **Revista da Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 35, n. 88, p. 109-125, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2015000100008. Acesso em: 25 jun. 2023.

SILVA, Ludimila Oliveira; BORGES, Bento Souza. Bullying nas escolas, **Revista Direito & Realidade**, São Paulo, v. 6, n. 5, p. 27-40, 2018. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/direito-realidade/article/view/1279/887>. Acesso em: 24 jan. 2024.

VILLELA, D. C. Bullying e Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015, **Revista no Ministério Público do RS**, Porto Alegre, v. 6, n. 8, p. 9-22, 2015. Disponível em: http://www.amprs.com.br/public/arquivos/revista_artigo/arquivo_1527186825.pdf. Acesso em: 25 jun. 2023.

Revista **GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, vol.24, n. 11, p.137-158, jan/dez 2024.

ZEQUINÃO, Marcela Almeida; MEDEIROS, Pâmella; PEREIRA, Beatriz; CARDOZO, Fernando Luíz. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado, **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 181-198, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/tfsmpDFp9d73b75mLTPvVDR/>. Acesso em: 24 jan. 2024.

Recebido em: 25/04/2024

Aceito em: 20/05/2024

Publicado em:

Total de Avaliadores:02

Pareceres Abertos

Parecer 01

A temática do artigo é altamente relevante, principalmente para o ambiente escolar no pós-pandemia. Enfrentar o Bullying é uma tarefa para todos que trabalham com a educação.

O artigo encontra-se bem escrito, solicito uma revisão, pois algumas palavras encontram-se sem acentuação, com espaços duplos.

Solicito também uma revisão quanto ao uso das normas ABNT, pois houve uma atualização quando às referenciação de autores nas citações.

Parecer 02 – Ricardo Allan de Carvalho Rodrigues

O artigo possui objeto pertinente e atual e está estruturado de modo compatível à metodologia narrativa- qualitativa proposta. O(A) autor(a) apresenta informações sobre a conceituação sobre o bullying, suas formas de manifestações e a reflexão sobre possíveis modos de intervenções pela escola, a partir do diálogo entre a referência de autores pesquisados e as colocações autorais do(a) autor(a) desse estudo. A coerência descritas nas conclusões finais sobre o papel da escola em sua missão formativa, para o combate à essa prática de assédio, também estão coerentes com as questões apresentadas ao longo do artigo.

Revista **GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, vol.24, n. 11, p.137-158, jan/dez 2024.

No entanto, durante a leitura do artigo, identificou-se a necessidade de revisão gramatical do texto, a partir de alguns equívocos estruturais identificados, como a inadequação quanto o uso ou a ausência de vírgulas em frases ou orações. Há também outros erros, como a marcação em itálico em enumerações (p.4,6,12, etc.), forma incorreta na escritura de algumas leis citadas no texto. Algumas palavras em destaque estão marcadas entre aspas e em itálico de palavras não estrangeiras (exemplo: ‘atores’-p.13, ‘lugar no mundo’- p.15, e em outras partes similares ao longo do texto).

Percebe-se também a duplicidade da marcação (forma direta e indireta) dos autores referenciados (p.8,9,10,11,13, etc.), devendo o(a) autor(a) se utilizar de uma forma apenas.

Nas referências bibliográficas, existe a necessidade de adequação de algumas referências, sobretudo quanto à referência da Lei n.º 13185 de 2015.